



DO DESERTO AO JARDIM:

Intuições ecológicas para o itinerário quaresmal

Ir. Raquel de Fátima Colet, FC

A mensagem do Papa Francisco para a **Quaresma** desse ano orienta-se para uma contemplação penitencial da Criação. Ao situar o Mistério da Salvação como um “processo dinâmico que abrange também a história e a criação” (FRANCISCO, 2019), ele nos chama a atenção para duas imagens bastante expressivas e que podem servir de balizas pedagógicas para refletirmos esse tempo litúrgico: o deserto e o jardim. A expectativa da Criação pelo momento de se revelarem os filhos e filhas de Deus (cf. Rm 8,19) motiva-nos a empreender um itinerário pessoal e comunitário de passagem **do deserto ao jardim**, identificando em nossa vida cotidiana e na missão que realizamos como essas duas categorias se apresentam.

A referência ecológica nos remete, obviamente, a uma percepção ampliada, planetária, em sintonia com os urgentes apelos da **Casa Comum**, sobre a qual pesa o flagelo do pecado social que coisifica e mercantiliza os recursos naturais, a biodiversidade, as culturas originárias, as relações humanas. Contemplamos hoje a *via crucis* do Filho de Deus, ferido e crucificado nas dores do planeta. Nesse cenário, seríamos nós os algozes ou as testemunhas em potencial da ressurreição, que hoje toma a forma do cuidado, da preservação, de relações sustentáveis?

Da mesma forma, somos interpelados/as a refletir sobre o que a *Laudato Si'* identifica como **ecologia da vida cotidiana** (LS 147-155), o que indaga nossa capacidade e disposição de atualizar nas convicções e práticas do dia a dia essa sensibilidade “macroecológica”. Já nos diz a Palavra de Deus que “quem é fiel no pouco é fiel no muito” (Lc 16,10). De nada nos vale um discurso crítico e com ampla argumentação, presente em nossos planos de ensino, expresso em dizeres e imagens nos ambientes que transitamos, se não estamos dispostos a aplica-lo aos nossos hábitos de vida e relações.

O exercício do exame de consciência, que na tradição cristã é um dos elementos constitutivos do caminho de conversão, dialoga com nossa percepção de pertença à Criação, que para nós é dom amoroso de Deus, *casa/oikia* generosa que acolhe e embala a vida, tarefa irrenunciável da humanidade.

Ampliando conceitos...

Observamos que um dos limites da reflexão ecológica é o estreitamento conceitual. Se perguntarmos às pessoas sobre ecologia e sustentabilidade ainda ouviremos respostas clichês e viciadas em torno de questões como água, lixo, florestas, clima, entre outros. Ademais, é comum que estas falas se refiram a realidades externas e distantes de nossas vivências, tocando uma pequena parcela da população mundial que, quase sempre, não somos nós. Ou, pelo menos, não somos nós os/as afetados/as pelas situações mais graves. Se levarmos em conta a “convicção de

que tudo está estreitamente interligado no mundo” (LS, 16), emerge a pergunta se, de fato, podemos separar o cuidado da Casa Comum do cuidado com a vida e as relações?

Da mesma forma, o quadro de soluções que tecemos em geral se refere a grandes tratados internacionais, planos cooperativos de instituições e ONGs junto às quais nós, pobres mortais, pouco ou nada podemos fazer. Indignamo-nos diante do descumprimento ou de retrocessos desses acordos, mas essa indignação acaba amortecida pela desigualdade na disputa de forças. Afinal, que chance as iniciativas ecológicas têm frente a um sistema regido pelos interesses do mercado que tudo olha sob as lentes do lucro? Casos concretos, como o recente crime ambiental de Brumadinho/MG, nos colocam diante desse conflito de interesses. O que cabe – e quem cabe – em nossa compreensão de desenvolvimento?

Nosso mecanismo de defesa geralmente se apresenta por respostas do tipo “se as grandes fontes de emissão de poluentes estão nas grandes indústrias dos países ricos, que interferência nossos hábitos de consumo têm nesse cenário?” E com respostas desse perfil tranquilizamos nossa consciência, utilizando-nos, inclusive, de argumentos religiosos: “Que Deus desperte a consciência ecológica da humanidade – exceto a nossa – para cuidado e preservação da vida e do planeta”... e outras bonitas, mas estéreis orações.

Uma compreensão de ecologia que não toque as atitudes e as práticas cotidianas revela-se míope e descontextualizada. O uso responsável dos recursos naturais em vista da sustentabilidade da vida na Terra não é alheio ao nosso dia a dia, e abrange nossos hábitos de vida e de relações.
Para os/as cristãos/ãs toca a dimensão ética da fé.

Do deserto ao jardim

Presentes nas Escrituras, **deserto e jardim** são duas categorias que, mais do que espaços geográficos com características naturais próprias, indicam itinerários e experiências existenciais. Fizeram parte da história do povo da Primeira Aliança, da vida e obra de Jesus de Nazaré, e também de nossa história como comunidade de fé, discípulos/as do Mestre.

Em seu sentido etimológico, a palavra **deserto** (do latim *desertus*) significa abandonado, isolado. Na narrativa bíblica é o lugar da oração e do encontro com Deus; é também o lugar da tentação (cf. Mt 4, 1-11; Mc 1, 12; Lc 4, 1-13); através dele Deus guiou o povo por quarenta anos (Dt 29,5) e estabeleceu com esse povo a aliança (Ex 19,1). Na espera messiânica e como sinal da conversão, Isaías já profetizava que o deserto se transformaria em jardim (Is 41,18). Essas são imagens e narrativas muito familiares ao tempo da Quaresma.

O **jardim**, por sua vez, é sinônimo da beleza, da vitalidade, da fartura; é o lugar do cultivo, da relação, da oração. É no jardim que ele plantou que Javé Deus colocou o ser humano que criou, dando-lhe a incumbência de guardar e cultivar (cf. Gn 2, 8ss). Desse mesmo jardim a humanidade foi expulsa em decorrência do pecado (Gn 3, 24). O jardim foi também o lugar da dor, o *Getsêmani*, onde Jesus foi crucificado e sepultado (Jo 18,1; 19, 41), mas foi igualmente o cenário da

comunicação da ressurreição e encontro com o Ressuscitado (Mt 28, 5; Mc 16, 6; Lc 24, 1-8; Jo 20, 11ss).

Situamos, assim, essa “passagem” *do deserto ao jardim* como expressão do processo de conversão, de **aprimoramento humano, espiritual, relacional** ao qual a Quaresma nos convida. O significado do número quarenta na Bíblia não se resume à questão cronológica, à exatidão numérica, mas é entendido como o **tempo necessário**. Converter-se não significa a adesão a uma determinada denominação religiosa ou mudanças repentinas.

Converter-se é rever nossa vida, nossos valores e nossas práticas. É perguntar-se sobre o sentido que temos dado a nossos dias; indagar-se sobre a qualidade de nossas relações – consigo mesmo, com o/a outro/a, como Transcendente, com a **Casa Comum** que nos acolhe, e assumir um itinerário paulatino e sincero de maturidade, integração e liberdade.

O deserto é indiferença, solidão; o jardim é afeto, cuidado, comunhão. Converter-se é dispor-se a superar a aridez do deserto de nossos egos, de nossas próprias vontades, de nossos projetos egoístas e assumir que o jardim é o lugar da individualidade em relação, onde cada um/a tem sua própria beleza e singularidade, mas não se contrapõe ou oprime o belo igualmente digno que habita no/a outro/a.

Converter-se é perguntar pelo jardim que desejamos habitar e pelo deserto que precisamos deixar, e dispor-se a fazer desse percurso uma fecunda experiência de aprendizado. Na lógica de uma **ecologia solidária** que temos abordado aqui, converter-se é avaliar com seriedade como temos vivido nossa cidadania planetária de herdeiros/as da missão de cuidado e preservação do jardim da Criação.

Sobre jardins e Projeto de Vida

Assumimos como motivação central a partir de 2019 refletir, articular e comunicar nossa identidade e missão como Educação Vicentina na perspectiva de **Projeto de Vida**. Nele estão contemplados os desertos e jardins que percorremos, sonhamos, partilhamos. Deserto e jardim acompanham nossos percursos diários, nossas buscas existenciais, nossos projetos de vida.

O primeiro movimento no qual fomos envolvidos é pensar no **Cuidado das Relações** que traduzem para nós os valores de **Acolhida – Diálogo – Colaboração**. Entendemos que eles são nossos ativos companheiros na tarefa de **Educar para a Vida**.

Nessa travessia, a atitude da **empatia** é uma chave de leitura para pensar como efetivamente cuidar de nossas relações sendo acolhedores/as, dialógicos/as e colaboradores/as.

Falamos da empatia enquanto capacidade de se colocar no lugar do/a outro/a, participando afetiva e efetivamente daquilo que ele/a sente e experiencia.

Esse “outro” são pessoas concretas com as quais convivemos todos os dias, mas são também aquelas que não estão tão próximas do nosso círculo das relações, mas com as quais nos sentimos irmanadas. Esse “outro” é também a Criação. Sermos empáticos/as com ela envolve nosso sentido de pertença, de onde brota o entendimento que toda atitude de violência perpetrada contra a Casa Comum é uma ofensa a nós mesmos, à nossa dignidade, às reais possibilidades de felicidade e realização que trilhamos em nossos projetos de vida.

O Educar para a Vida ativa a consciência de nossa “origem comum, recíproca pertença e futuro compartilhado” (LS, 202), de modo que nenhum projeto de vida pode ser assumido senão em um espaço vital onde caibam o projeto de vida de todos/as.

Dicas para nosso Diário de Bordo quaresmal

Empreender a **passagem do deserto ao jardim** pode ser um grande propósito pessoal e comunitário que podemos assumir nesta Quaresma. Algumas possibilidades para acompanhar nosso **Diário de Bordo**:

→ Do DESERTO do ódio e intolerância destilado nas redes sociais ao JARDIM da humanização e transparência na comunicação virtual, e do discernimento das informações e conteúdos a serem compartilhados.

→ Do DESERTO da tendência de comparar pessoas, resultados, experiências para o JARDIM da gratuidade que dá as pessoas a liberdade de serem quem são.

→ Do DESERTO da competição e concorrência para o JARDIM da colaboração e do trabalho em equipe.

→ Do DESERTO da resistência às mudanças que nos desacomodam de nossos saberes e práticas cristalizados para o JARDIM do aprendizado permanente que nos devolve o frescor da novidade e da criatividade.

→ Do DESERTO dos preconceitos ao JARDIM da escuta ativa, do diálogo, da acolhida e do respeito.

→ Do DESERTO do individualismo que se esconde por detrás de expressões como “minha escola”, “meus professores”, “meus estudantes” para o JARDIM do sentido de pertença que se reconhece colaborador/a ativo de um projeto comum.

→ Do DESERTO do ativismo desenfreado focado em resultados meramente quantitativos para o JARDIM da contemplação admirada dos processos educativos que florescem nos bastidores, geram mudanças qualitativas e são coerentes com nossos valores.

→ Do DESERTO de nossos autoritarismos no processo educativo para o JARDIM de uma autêntica mediação do conhecimento.

→ Do DESERTO do consumo acrítico para o JARDIM da pergunta “eu preciso mesmo comprar isso?”

→ Do DESERTO de atos de caridade impessoal para o JARDIM da solidariedade que vai além de chocolates, litros de leite, arroz, feijão e roupas usadas.

→ Do DESERTO do negativismo viciado na reclamação, e da crítica destrutiva ao JARDIM do bem-querer e do bem-dizer do próximo.

→ Do DESERTO de práticas religiosas fechadas e moralistas ao JARDIM de uma espiritualidade dialógica e acolhedora.

→ Do DESERTO das relações automáticas nas brechas da agenda de trabalho ao JARDIM da convivência real, da valorização dos momentos juntos, em família, com os/as amigos/as, com a comunidade.

→ Do DESERTO do descaso do cuidado da própria interioridade ao JARDIM do cultivo pessoal, do silêncio que revigora e integra.

Revisitando os jardins do Carisma

Olhando para a história do Carisma percebemos um itinerário de “passagens”, de “páscoas” sendo vivenciadas nas diferentes frentes de missão. Se pensarmos, por exemplo, na origem das Escolas Vicentinas, observaremos o empenho de **Luísa de Marillac** e das primeiras Irmãs em possibilitar que as crianças pobres, sobretudo as meninas, do século XVII passassem do *deserto* da ignorância cultural e religiosa que as colocava à margem da sociedade de seu tempo para o *jardim* da instrução intelectual e catequética que as permitisse superar essa condição de exclusão humana, social e eclesial.

Nos passos dos Fundadores, muitas outras mulheres e homens se dispuseram a assumir essa missão como seu projeto de vida. Entre essas referências queremos destacar **Irmã Suzanne Guillemin** (1906-1968), uma Filha da Caridade cuja memória celebramos no dia 28 de março e que é a **patrona da Pastoral Escolar Vicentina**. Irmã Guillemin viveu em uma época singular da história da Igreja e da Companhia, particularmente em torno da preparação, realização e desdobramentos do Concílio Vaticano II (1962-1965), que marcou um redimensionamento renovador na autocompreensão da Igreja Católica e na sua relação com o mundo.

Como Superiora Geral da Companhia nesse tempo, Irmã Suzanne trabalhou arduamente no cultivo e cuidado do jardim da **missão**, revolvendo os canteiros, adubando os sulcos, selecionando as sementes, irrigando a plantação, partilhando flores e frutos, realizando as podas e adequações necessárias. Seu sentido de pertença não só à comunidade religiosa e eclesial, mas à comunidade humana, expressão de uma verdadeira empatia com as grandes causas e urgências do mundo, a moveu a dedicar suas forças e seus dons para a construção desse projeto de vida.

Como **continuadores/as** e **recriadores/as** de suas intuições em nosso tempo, queremos revisitar seus escritos recolhendo deles as sementes de sabedoria e experiência que, certamente, agregarão vitalidade e robustez ao jardim que hoje cultivamos por meio da missão educativa.



“Sejamos também nós uma Comunidade em marcha. Tudo que se encontra no mundo está em marcha. Não se chega nunca, não se alcança a perfeição enquanto estamos paradas. Encontramo-nos em um mundo em transformação e temos que continuamente pararmos e nos examinarmos, e assim transformar-nos e agir melhor. É simplesmente um exame de consciência: coloquemos diante de nossos próprios olhos para tentar fazer melhor, para nos ancorar em uma postura de mentalidade ou de atividade apostólica... para não nos enraizarmos em uma rotina. Temos de estar disponíveis e não amarradas. Temos de estar sempre à escuta das necessidades do mundo. Prontas para mudar nossa maneira de trabalhar, de agir e, às vezes, de pensar. Tenhamos o desejo, a vontade de buscar”

(GUILLEMIN, agosto de 1964)

Referências:

- AVE MARIA - EQUIPE EDITORIAL. **Chave Bíblica Católica**. ed. 4ª. São Paulo: Editora Ave Maria, 2012.
- BÍBLIA. **Nova Bíblia Pastoral**. São Paulo: Paulus, 2013.
- COMISSÃO ESPECIALIZADA DE EDUCAÇÃO – PROVÍNCIA DE CURITIBA (CEEPAC). **Agenda Escolar Vicentina 2019**. Curitiba: Gráfica ICQ, 2018.
- _____. **Projeto Pedagógico-pastoral 2019**. Roteiro. Curitiba, 2018. Disponível em: <<http://www.provinciacuritiba.com.br/educacao/publicacoes-e-projetos/projeto-de-vida-2019/81>>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si'**. Sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- _____. **Mensagem para a Quaresma de 2019**. Roma, 04 de outubro de 2018. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/lent/documents/papa-francesco_20181004_messaggio-quaresima2019.html>. Acesso em: 28 fev. 2019.
- GUILLEMIN, S. **Sor. Susana Guillemin, H. C.** Escritos e palavras. Salamanca/ESP: CEME, 1988